

A criação da Escola de Artes Fritz Alt e da Escolinha de Artes Infantis na cidade das indústrias¹

The creation of the Art Schools Fritz Alt and Escolinha de Artes Infantis in the city of industries

Juliana Rossi Gonçalves²
Universidade da Região de Joinville - Univille

Taiza Mara Rauen Moraes³
Universidade da Região de Joinville - Univille

Resumo

O presente artigo é decorrente de uma pesquisa documental e bibliográfica sobre a criação da Escola de Artes Fritz Alt (EAFA), localizada em Joinville (SC), como uma das ações do movimento de industrialização ocorrido na cidade nas décadas de 1960 e 1970. O estudo desvela que no referido período histórico circulou um discurso desenvolvimentista mobilizado para justificar a criação da Escola. Por sua vez, a Escolinha de Artes Infantis (EAI) foi criada dentro da EAFA em 1970, como um reflexo do Movimento Escolinhas de Arte (MEA) do Brasil, o qual se constituiu por meio da criação de várias escolinhas de arte em todo o território brasileiro, que se transformaram em ateliês de produção artística para crianças. A EAFA, bem como a EAI, é subsidiada pela prefeitura municipal e resiste há mais de 50 anos em uma cidade industrial, apesar dos mo(vi)mentos de tensão e de lutas de seus artistas-professores, funcionários e alunos.

Palavras-chave: Escola de artes, Escolinhas de arte, Movimento Escolinhas de Arte, Arte/Educação, Cidade industrial.

Abstract

The article is part of a documental and bibliographical research about the creation of Fritz Alt School of Arts (EAFA), located in Joinville/Brazil, as one of the actions of the industrialization movement that took place in the city in the 1960s and 1970s. The study reveals that, in the mentioned historical period, a developmental discourse was mobilized to justify the creation of this School. The Art School Escolinha de Artes Infantis (EAI) was created within EAFA in 1970 as a reflection of the Children Art Schools Movement (*Movimento Escolinhas de Arte*; MEA) in Brazil. MEA created several art schools throughout the Brazilian territory, which became artistic workshops for children. The two art schools aforementioned are financed by the City Hall and have been resisting for more than 50 years in an industrial city, despite the movements of tension and struggles of its artist-teachers, employees and students.

Keywords: Art school, Children Art Schools, Children Art Schools Movements, Art/Education, Industrial city.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (PROSUC).

² Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade e Mestre em Educação pela Universidade da Região de Joinville – Univille. Artista visual e professora de desenho e pintura na Escola de Artes Fritz Alt na Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior em Joinville/SC, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5314-9218>. E-mail: julirossi@gmail.com.

³ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil (2002). Professora titular da Universidade da Região de Joinville – Univille, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6389-1133>. E-mail: moraes.taiza@gmail.com.

Introdução

No sul do país, houve um reflexo do Movimento Escolinhas de Arte (MEA) nas décadas de 1960 e 1970, que alavancou a criação de várias escolinhas de arte pelo Brasil e viabilizou a propagação dos ateliês de produção artística para crianças. No estado de Santa Catarina, foram criadas escolinhas de arte que se encontram ativas até hoje, como a Escolinha Monteiro Lobato de Blumenau, a Escolinha de Florianópolis e a de Joinville.

A Escolinha de Artes Infantis (EAI) de Joinville, criada em 1970, é integrada à Escola de Artes Fritz Alt (EAFA). No entanto, a EAI foi estruturada e fundamentada em uma base conceitual/metodológica, diferentemente dos outros cursos ofertados pela escola.

O momento histórico em que a EAFA foi criada, caracterizado pela industrialização de Santa Catarina, foi marcado por um crescimento populacional, assim sendo, as unidades de ensino existentes ou que viriam a ser criadas tinham como objetivo profissionalizar a mão de obra industrial, para articular funções econômicas às políticas (COELHO, 2015).

A escola, inicialmente nomeada de Escola Municipal de Artes Aplicadas, foi criada para atender a um cenário político e social da década de 1960, em um contexto desenvolvimentista, pista histórica norteadora para este estudo documental e bibliográfico, que pretende compreender como uma escola e uma escolinha de arte resistem há mais de 50 anos em uma cidade dita industrial.

No tópico seguinte, abordamos o contexto histórico de criação da EAFA em Joinville em meio a esse discurso desenvolvimentista de industrialização que fundamenta e denomina a cidade como industrial até os dias atuais.

Arte na cidade das indústrias: a criação da Escola de Artes Fritz Alt

Com o objetivo de atender as demandas das indústrias, veio à tona a ideia da necessidade de qualificação e preparação de trabalhadores capacitados tecnicamente. Com isso, o Brasil poderia superar sua condição de país subdesenvolvido, pois haveria a “[...] garantia de emprego e de ascensão social” (AMORIM, 2018, p. 3).

Visto que o projeto desenvolvimentista era dirigido para a modernização do Brasil, os estudantes dessas escolas se tornariam cidadãos “produtivos”, corroborando a força de trabalho no papel político da escola. Ao formar esses cidadãos produtivos, haveria melhora de suas condições de vida. Por intermédio de sua “[...] força de trabalho bem preparada [...], teriam garantida sua ascensão social em decorrência da demanda de tais profissionais de nível médio pelas empresas” (AMORIM, 2018, p. 5-6).

Em 1960, Celso Ramos foi eleito governador de Santa Catarina pelo Partido Social Democrático (PSD), sua vitória se associou “[...] ao fato de seu programa de governo estar alinhado tanto à noção de um Estado Planejador de cunho econômico-desenvolvimentista quanto aos anseios do empresariado catarinense” (COELHO, 2015, p. 30), que apontavam a necessidade de enfrentar os problemas para o fortalecimento da industrialização em Santa Catarina.

Em um relatório escrito pelo assessor de planejamento municipal, Heraldo Silva do Valle, em 1968, foi sinalizado que entre 1960 e 1964 houve um grande crescimento populacional, “[...] em decorrência da vinda de migrantes atraídos pelas oportunidades de trabalho em suas 468 indústrias” (COELHO, 2015, p. 31), a fim de atender ao crescimento industrial e suprir adequadamente os recursos humanos para tal. A evasão dos jovens para a capital e para os estados vizinhos em busca de formação também era outro fator que comprometia o movimento progressista da cidade, porém a ditadura militar já instaurada no país, fez com que a educação fosse umas das áreas mais atingidas. Segundo o autor:

Além da perseguição a professores e da repressão aos movimentos estudantis, o governo, com base na doutrina de segurança nacional e na ideia de ‘Brasil potência’, implantou um grupo de trabalho que contou com a assessoria da *United States Agency for International Development (USAID)*, cujas recomendações apontavam para a necessidade de mudanças [...] baseadas no modelo empresarial. Além de visar ao desenvolvimento econômico do Brasil, a reforma educacional deveria ser um instrumento de formação de mão de obra especializada, disciplinada e com valores pátrios inculcados (COELHO, 2015, p. 31).

A influência estadunidense, por meio de padrões de eficiência e disciplina, foi essencial para a consolidação desse ramo de ensino. O Estado atuava na formação de técnicos de ensino médio no ensino industrial, “[...] com modelos racionalizadores

derivados da atividade industrial, considerados ideais para o progresso e desenvolvimento” (AMORIM, 2018, p. 2).

Na cidade de Joinville, em 1965, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas, pela Comunidade Evangélica de Joinville. Em razão do alto índice industrial, a faculdade seria relevante local e regionalmente para a formação de futuros economistas, visando à expansão do comércio e da indústria (COELHO, 2015). Depois de uma longa trajetória e de algumas mudanças de nome, dez anos mais tarde foi denominada Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ), atual mantenedora da Universidade da Região de Joinville (Univille).

Até a década de 1980, o projeto de desenvolvimentismo foi definido como uma via de industrialização para a superação do subdesenvolvimento e a cidade de Joinville, polo industrial das regiões norte e nordeste de Santa Catarina, alavancou políticas de apoio ao desenvolvimento industrial. Portanto, na época, as unidades de ensino existentes ou que viriam a ser criadas tinham como objetivo articular funções econômicas às políticas. Nesse contexto, em 1966, Nilson W. Bender foi eleito prefeito de Joinville pela União Democrática Nacional (UDN). Segundo Coelho (2015), em sua gestão, Bender quis aprimorar os índices de profissionalização e de escolarização dos jovens joinvilenses.

Em 1967, foi o período de criação da Escola de Artes Fritz Alt (EAFA), inaugurada oficialmente em oito de março de 1968 (A NOTÍCIA, 1968). Inicialmente, foi nomeada Escola Municipal de Artes Aplicadas. A mentora da criação da escola, Iraci Schmidlin, na época diretora do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura de Joinville, em discurso de abertura, salientou que a escola se constituía como um espaço para “[...] aproveitar a potencialidade cultural da região, herança dos antepassados europeus” (MOKROSS, 1992, p. 26).

Berenice Mokross, ex-diretora e ex-professora da EAFA, afirma que a professora Iraci Schmidlin teve como objetivo inicial de criação da escola:

[...] atender a necessidade de um grupo de pessoas interessadas em ministrar e receber conhecimentos sobre arte. Como o município possuía marcante influência advinda da colonização alemã, [...] ocorriam aulas particulares de pintura em tela, pintura em porcelana e outras, em residências particulares. Sendo assim, surgiu a ideia de criar um espaço centralizador, onde essas atividades pudessem ser desenvolvidas (FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE, 2007, p. 3).

O prefeito Nilson Bender no discurso de inauguração da escola destacou o estabelecimento como “[...] um templo para o culto à arte, onde se forja a personalidade cultural da juventude com tendência para o belo, em que a vocação artística se inspira nas mais diversas manifestações da natureza” (JORNAL DE JOINVILLE, 1968a). Valor reafirmado por Iraci Schmidlin, que reforçou o papel da arte na sociedade: “Façamos uma breve introdução à Arte. É uma Ciência Universal. Seu objetivo – criar a Beleza. Sua época – A Eternidade” (JORNAL DE JOINVILLE, 1968a). Os discursos políticos são mobilizadores do mundo social, atos de linguagem que possibilitam “[...] apreender algumas das ideias e valores que circulam num tempo histórico” (COELHO, 2015, p. 31).

O pronunciamento da professora Iraci evidencia o quanto batalhou e o quanto a concretização da escola foi um sonho realizado:

Sendo a arte uma das formas mais autênticas para expressar o progresso e a cultura de um povo, Joinville há muito se ressentia da falta desta casa. Hoje temo-la, concreta, ante os nossos olhos. É uma feliz realidade! Quisera poder expressar os sentimentos e esperanças que despertam em mim esta iniciativa cujo êxito deve depender tanto de nossa compreensão como da tarefa criadora de nossa geração. [...] O amor às artes é uma tradição que o joinvillense traz de seus ancestrais. Criar a beleza é a inspiração admirável que habita sua mente (JORNAL DE JOINVILLE, 1968a).

A fala também valoriza os primeiros artistas-professores da escola, como: Edith Wetzel, Nany Keller, Maria Janssen Breuel, Victor Kursancew e Fritz Alt (A NOTÍCIA, 1983), além do primeiro diretor da escola, o arquiteto Dagoberto Koentopp.

Alguns dias antes da inauguração, os jornais divulgaram amplamente os cursos que seriam oferecidos pela escola (Figura 1): Modelagem em cerâmica, Pintura em porcelana, Desenho artístico e pintura, Desenho arquitetônico e História da arte.

As aulas de Modelagem em cerâmica eram realizadas uma vez por semana, assim como as de Pintura em porcelana. Já as aulas de Desenho e pintura ocorriam duas vezes por semana. A aula de História da arte era ministrada em forma de palestra, uma vez por semana (MOKROSS, 1992).

Figura 1 – Montagem do Jornal *A Notícia* com propaganda do curso e aviso sobre matrículas



Fonte: Jornal *A Notícia*. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

O curso de Desenho arquitetônico foi promovido em convênio com o Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial (MOKROSS, 1992). Este, era vinculado ao Ministério da Educação até a década de 1970 e, posteriormente, foi transferido para o Ministério do Trabalho. Criado por meio do Decreto n.º 53.324, de 18 de dezembro de 1963, pelo presidente João Goulart, fazia parte das ações que implantariam as reformas na educação voltadas ao trabalho (LOBO NETO, 2018). O programa foi extinto em 1982.

Segundo Lobo Neto:

Em seu Art. 2º, o Decreto de criação responsabilizou a Diretoria de Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura pelo Programa. Através da Portaria Ministerial n.º 46/1964, “baixada dois meses antes do golpe de Estado” (CUNHA, 2000, p. 11) pelo Ministro Sambaqui, ficaram estabelecidos os seguintes objetivos: “a) especializar, retreinar e aperfeiçoar o pessoal empregado na indústria; b) **habilitar novos profissionais para a indústria**; c) preparar pessoal docente, técnico e administrativo para o **ensino industrial**, bem como instrutores e encarregados de treinamento de pessoal na indústria” (CUNHA, 2000, p. 11) (LOBO NETO, 2018, p. 313, grifos nossos).

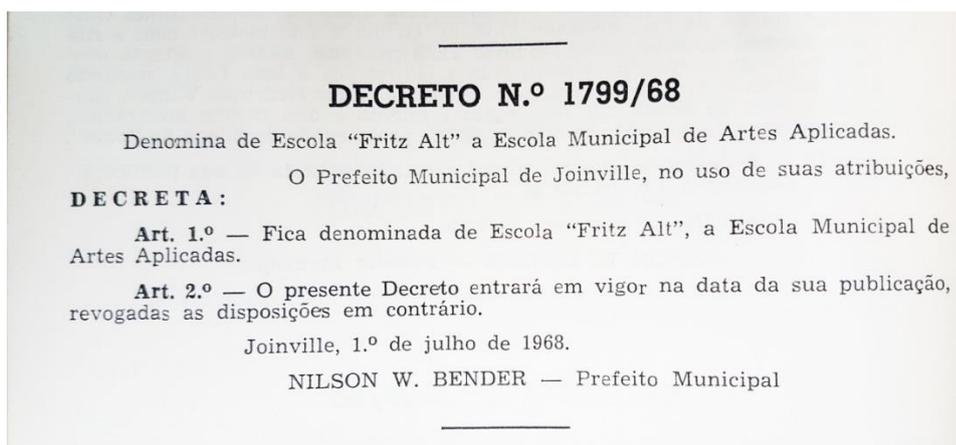
O primeiro nome dado à escola, Escola Municipal de Artes Aplicadas, trazia a ideia de que a arte deveria ser “aplicada” para algum fim, que tivesse um objetivo

“prático” para o trabalho, afastando critérios estéticos, críticos e reflexivos. Nesse contexto, a criação da escola poderia ter sido inicialmente pensada para a especialização da mão de obra industrial.

Em 1968, a Escola Municipal de Artes Aplicadas passou a se chamar Escola de Artes Fritz Alt em homenagem ao escultor alemão Fritz Alt, que faleceu no dia 15 de março de 1968, exatamente uma semana depois da inauguração da escola. Fritz Alt havia sido convidado pela prefeitura para ministrar aulas de escultura aos alunos. Chegou a proferir uma aula inaugural de História da Arte (MOKROSS, 1992) no dia 14 de março, um dia antes de sua morte (JORNAL DE JOINVILLE, 1968b).

Por meio do Decreto n.º 1.799, de 1º de julho de 1968, a Escola Municipal de Artes Aplicadas tornou-se oficialmente Escola de Artes Fritz Alt (EAFA) (Figura 2).

Figura 2 – Decreto nº 1799/68 que modifica o nome da Escola Municipal de Artes Aplicadas para Escola de Artes Fritz Alt.



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville.

Segundo Mokross (1992, p. 27), os idealizadores da escola de artes encontraram bons motivos nos objetivos que pontuaram sua justificativa: “proporcionar meios de formação artístico-cultural e preparo de técnicos para a indústria local”, divergindo teoricamente de uma formação artística e cultural que fosse crítica e reflexiva.

Em novembro de 1968, a escola produziu uma coletiva de trabalhos dos alunos da EAFA com pinturas a óleo, aquarela, pintura em porcelana e cerâmica. A exposição teve cerca de mil visitantes (MOKROSS, 1992) – o alto número de visitantes denotou a importância da implementação de uma escola desse tipo em Joinville. Essa tradição

"expositiva" acontece anualmente, sustentada pelas exposições de trabalhos produzidos por alunos e professores.

Para obter êxito em todas as faixas etárias, dois anos depois, foi criado dentro da EAFA um curso para crianças, conectando a cidade ao Movimento Escolinhas de Arte, que surgiu no Brasil. No próximo tópico, será abordada a origem desse movimento, para compreender de que forma ele se refletiu na criação da Escolinha⁴ em Joinville.

O Movimento Escolinhas de Arte

O Movimento Escolinhas de Arte (MEA) faz parte da história do ensino da arte do país, pois foi incentivado por educadores envolvidos com a redemocratização da educação (BARBOSA, 2008). O marco inicial foi a criação da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), em 1948, no Rio de Janeiro (RJ). Segundo Barbosa (2008), além do artista pernambucano Augusto Rodrigues, três mulheres tornaram as escolinhas em "a grande escola modernista do ensino da arte no Brasil".

Uma das artistas-professoras que impulsionou o movimento foi a escultora norte-americana Margareth Spencer, que propagou a arte-educação já desenvolvida nos Estados Unidos, nas chamadas *Progressive Schools*. A segunda mulher foi a artista gaúcha Lúcia Alencastro Valentim, que, influenciada pelo artista Guignard, "imprimiu uma orientação mais sistematizada à Escolinha" (BARBOSA, 2008, p. 7). Lúcia assumiu a direção da EAB quando Augusto Rodrigues fez uma prolongada viagem ao exterior. A terceira foi a professora Noêmia de Araújo Varela, que criou a Escolinha de Arte do Recife em 1953. Ela foi "[...] diretora do departamento pedagógico da Escolinha de Arte do Brasil, dedicando-se intensamente à formação do arte-educador ao longo de seu trabalho" (COSTA, 2010, p. 14).

O Movimento iniciou-se quando o grupo conseguiu permissão para trabalhar no corredor da Biblioteca Castro Alves com um pequeno grupo de crianças. Segundo Costa (2010, p. 13):

As crianças começaram a vir cada vez mais, nas mais diferentes idades e o próprio nome Escolinha foi dado por elas a partir do momento que

⁴ Neste artigo, quando citamos sozinho o termo 'Escolinha', com inicial em maiúscula, estamos nos referenciando à EAI de Joinville.

começavam a dizer “amanhã eu venho à Escolinha” (RODRIGUES *apud* BRASIL, 1980, p. 39). Para Augusto Rodrigues era clara a distinção que faziam entre a escola institucional, onde iam aprender e a Escolinha, no diminutivo como componente afetivo, onde elas viviam a experiência livremente (COSTA, 2010, p. 13).

O Movimento resultou na Mostra Internacional de Desenhos Infantis, realizada no Rio de Janeiro pelo inglês Herbert Read e Augusto Rodrigues, que se identificaram com a ideia de arte como fundamento para a educação. Read publicou o livro ‘Educação através da arte’ (*Education Through Art*, em inglês) em 1943. Por meio dessa publicação e do contato com alguns arte-educadores brasileiros, a proposta de ‘Educação através da arte’, de Read, foi difundida no Brasil, com a finalidade de

[...] promover no indivíduo um ajustamento dos sentimentos e emoções subjetivas ao mundo objetivo. [...] A partir dessa concepção, ele propôs a ‘educação estética’ voltada, fundamentalmente, ao desenvolvimento daqueles sentidos em que se baseiam a consciência, a inteligência e o raciocínio do ser humano (BACARIN, 2005, p. 75).

Augusto Rodrigues ampliou a corrente com a organização de encontros de formação voltados a professores de arte, artistas, psicólogos, médicos. Recebeu apoio de importantes educadores, como Anísio Teixeira, Helena Antipoff – por meio do trabalho conjunto na Sociedade Pestalozzi – e Nise da Silveira, mediante convênio com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) (EAB, 2015).

Inicialmente, todo o movimento de arte-educação se organizou fora do contexto de educação formal, mas depois atingiu os espaços escolares com a Lei n.º 5.692/71, pela obrigatoriedade do ensino de Educação Artística no 1º e no 2º grau.

Na década de 1960, foram criados os Cursos Intensivos de Arte Educação (CIAE), cursos em tempo integral na EAB como um “[...] estágio intensivo de professores de vários estados que buscavam entender melhor meios de integrar a arte no processo educativo” (COSTA, 2010, p. 14).

A partir de 1973, foram criados os cursos de licenciatura em Educação Artística, projetando formalmente a continuidade dos CIAE oferecidos pelas escolinhas, que antes eram os únicos cursos em educação por intermédio da arte destinado a professores (COSTA, 2010). O grupo, *a priori*, não tinha a intenção de criar uma escola de arte, mas de possibilitar às crianças a experimentação livre de técnicas de arte (LIMA, 2012) e incentivar a liberdade e a expressão criativa. Essa ideia ia na

[...] contramão do ensino oficial de artes tal como instituído [...] no período do Estado Novo, quando as aulas de desenho geométrico e cópia de estampas são introduzidas na escola primária e secundária com a finalidade de orientar ao máximo a formação artística, adequando-a aos modelos e padrões vigentes (EAB, 2015).

A Escolinha de Artes Infantis (EAI) de Joinville, criada em 1970, foi incorporada a esse movimento pulsante de arte brasileira, que se dirigiu para a consolidação de instituições culturais na cidade.

A Escolinha de Artes Infantis de Joinville

O MEA impulsionou a proliferação de escolinhas de arte pelo Brasil nas décadas de 1960 e 1970, nessa rede foram incorporadas a Escolinha de Artes Infantis (EAI) de Joinville e a Escolinha de Arte de Florianópolis⁵ (Ô CATARINA, 1994; COSTA, 2010).

Entre as décadas de 1970 e 1990, artistas como Mário Avancini, Hamilton Machado, Luiz Henrique Schwanke, Eugênio Colin, Victor Kursancew, Antônio Mir, entre outros (SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE JOINVILLE, 2012) se destacaram por suas produções artísticas e atuação política na cidade. O mesmo ocorreu com Juarez Machado e Amandos Sell, artistas dessas décadas que atuam até hoje.

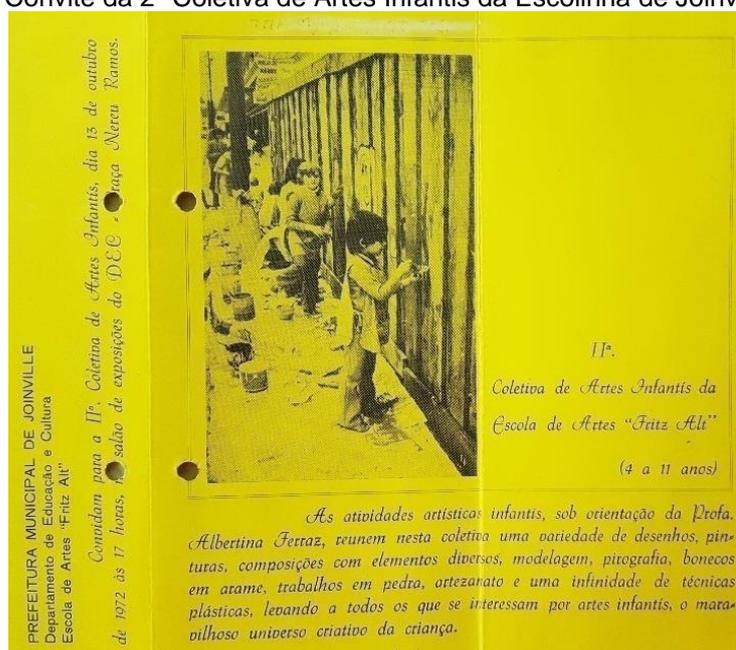
A Escolinha de Joinville foi criada dentro da EAFA e integra a Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior (CCFRJ), um polo cultural da cidade que oferece cursos de artes (teatro, música, dança e artes visuais). Alguns artistas já citados lecionaram na EAFA por muitos anos, como Mário Avancini, Hamilton Machado e Victor Kursancew. A EAFA se destaca por seus artistas-professores que fizeram e fazem parte da construção da identidade cultural e artística de Joinville. Inicialmente, a EAFA oferecia cursos somente para adultos. Depois de dois anos de criação da escola de artes, a Escolinha iniciou suas atividades dentro da EAFA quando 13 crianças se matricularam (A NOTÍCIA, 1975), por iniciativa da artista plástica Albertina Ferraz Tuma (JORNAL DE JOINVILLE, 1976).

⁵ A Escolinha de Arte de Florianópolis foi criada em 1963, no Museu de Arte de Santa Catarina, na época Museu de Arte Moderna.

Albertina Tuma marcou sua trajetória como produtora e promotora de eventos culturais em diversos espaços da cidade e região, além de ter sido diretora de eventos da Fundação Cultural de Joinville e diretora-geral da CCFRJ. No ano anterior à criação da Escolinha, obteve uma bolsa de estudos da prefeitura de Curitiba (PR) e foi à cidade participar de uma formação em arte-educação, na época no Museu e Escola de Arte do Paraná. A professora, ao fazer uma retrospectiva histórica sobre esse momento, sinaliza que os passos iniciais foram desafiadores, pois “[...] teve que convencer vários pais de alunos de que o ensino da arte para crianças não era uma brincadeira, mas sim, uma proposta séria” (TUMA *apud* STEFFEN, 1999, p. 25).

A EAI destaca-se por uma exposição coletiva anual, ação educativa inovadora que mantém desde 1971 (Figura 3). A coletiva anual é tradicionalmente montada na Galeria Municipal de Artes Victor Kursancew, a única galeria de artes municipal da cidade, localizada na CCFRJ.

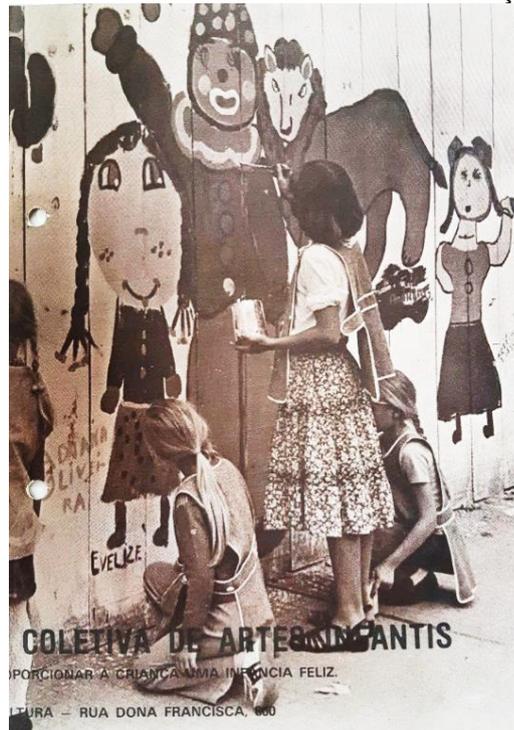
Figura 3 – Convite da 2ª Coletiva de Artes Infantis da Escolinha de Joinville, de 1972



Fonte: Arquivo da Escolinha.

Entre os anos de 1970 e 1980, sob a égide da livre expressão, algumas ações educativas da Escolinha aconteceram na cidade: os alunos saíam para pintar nas ruas e em tapumes, por exemplo (Figura 4).

Figura 4 – Cartaz da Coletiva de Artes Infantis em 1978 – crianças pintando no tapume



Fonte: Arquivo da Escolinha.

Entre dezenas de eventos, exposições e formações de professores ao longo da década de 1970, destaca-se a visita de Augusto Rodrigues em 1975 à 5ª Coletiva da Escolinha, o trabalho exercido na Escolinha foi elogiado por ele (STEFFEN, 1999).

Em 1977, a participação de Albertina no 1º Encontro Latino-Americano de Educação Através da Arte foi um importante marco para a Escolinha. O evento reuniu cerca de três mil participantes e teve como uma das organizadoras Noêmia Varela. Albertina afirma que a Escolinha auxilia no

[...] desenvolvimento de potencialidades como: a criatividade, a percepção, a observação, a imaginação e a sensibilidade que ampliam e alicerçam a consciência de seu lugar no mundo, [...] [tornando] os indivíduos mais aptos a agir no meio sociocultural, apresentando um maior senso crítico para usufruírem dos bens culturais (TUMA *apud* STEFFEN, 1999, p. 30).

Heloisa Steffen, ex-professora da Escolinha e ex-professora do curso de Cerâmica da EAFA, falecida em 2020, confirmou que a livre expressão deu lugar à Abordagem Triangular em 1993, com a contratação de professoras que tinham se formado em faculdades de Artes Plásticas: “O ensino na Escolinha propõe que as primeiras noções sobre arte fundamentadas na História da Arte acompanhem o fazer

artístico infantil” (STEFFEN, 1999, p. 10). Desde então, um tema é escolhido e trabalhado com os alunos, que resulta na exposição anual da Escolinha no fim do ano.

Em 2020 e 2021, com a necessidade do distanciamento social pela pandemia do coronavírus, mais um desafio foi imposto: as aulas da Escolinha passaram a ser realizadas de forma remota, trazendo inúmeros desafios em razão da implantação dessa modalidade de ensino. Por esse motivo, a exposição anual comemorativa dos 50 anos da Escolinha, intitulada Joinville e Seus Artistas, foi apresentada via *YouTube*⁶.

A exposição virtualizada homenageou diversos artistas joinvilenses, entre eles: Juarez Machado, Roseli Ritzmann, Sérgio Adriano, Luciane Sell e Luciano da Costa Pereira (os dois últimos são professores da EAFA). O curso de Teatro apresentou a Mostra de Teatro Online, com diversas produções, ações e peças teatrais, intituladas: ‘Momentos em casa’, ‘Máscara teatral’, ‘Teatro de formas animadas’, ‘Personagem teatral’, ‘Jogos dramáticos’, ‘Teatro de sombras’, ‘Mímica teatral’ e ‘O palhaço’.

Além das mostras *online*, os professores da EAI realizaram uma *live* comemorativa dos 50 anos da EAI, com um bate-papo entre as Escolinhas de Arte de Florianópolis, Rio de Janeiro e Joinville, disponível no *YouTube*⁷.

Ao longo de sua trajetória, a EAFA e a EAI resistiram a desafios impostos por diferentes gestões políticas. No próximo tópico são abordados alguns desses percalços que se tornaram parte da história, com relatos dos desafios e das resistências, como a falta de investimentos e de incentivos para a instituição.

Resistências e desafios

Em 2011, a sede da CCFRJ foi interditada pela vigilância sanitária, em função da precariedade de manutenção ao longo dos anos. Durante esse período de interdição, a EAFA funcionou na antiga sede da Exatoria Estadual, situada à Rua Dona Francisca, n.º 364. O retorno das atividades para a sede original (Rua Dona Francisca, n.º 800) ocorreu em dezembro de 2013, também por insistência e luta de

⁶ A exposição virtual pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=anBLtVOJ-WM&t=3656s>. Acesso em: 16 fev. 2022.

⁷ A *live* comemorativa dos 50 anos da EAI pode ser acessada em: <http://tiny.cc/qo96tz>. Acesso em: 16 fev. 2022.

professores e funcionários que protestaram e se mobilizaram tanto em veículos de comunicação como em redes sociais.

Em dezembro de 2016, aconteceu a desativação da *fanpage* do *Facebook* da CCFRJ, que mantinha quase nove mil curtidas. Também o *blog* da EAFA (que funcionava desde 2011, com mais de 276 mil visualizações⁸) foi desativado por determinação da área de comunicação da prefeitura, que decidiu manter apenas uma página centralizadora e oficial da prefeitura, deletando/desativando as páginas e *blogs* de todos os museus e instituições culturais da cidade, inclusive a *fanpage* no *Facebook* da Fundação Cultural de Joinville, que na época se destacou como um dos principais canais de comunicação da arte e cultura da cidade (com mais de 10 mil curtidas quando foi desativado).

Até meados da década de 2000 não era necessário ter ensino superior para lecionar na escola. O corpo docente era formado não só por artistas e professores, mas também por alunos formados pela própria escola (MOKROSS, 1992). Com a adesão da EAFA no plano de carreira dos professores da Secretaria de Educação de Joinville, a partir da década de 2010, não se admitem mais professores sem ensino superior. Atualmente, a EAFA conta com 16 professores graduados, dos quais 95% possuem cursos de pós-graduação (especialização) na área de artes, três professoras são mestres e uma professora está fazendo doutorado.

Um problema detectado no momento atual é a necessidade de ampliação do quadro docente, visto que a prefeitura de Joinville não está mais contratando novos professores ou professores substitutos; não há mais concurso público. O último concurso público (via Fundação Cultural de Joinville, atual Secretaria de Cultura e Turismo) para professores da EAFA aconteceu em 2014. Ao longo dos últimos anos, muitos professores se aposentaram e nenhum novo professor foi contratado. Um dado preocupante, pois, se esse cenário continuar nos próximos anos, a tendência é que os cursos se extingam à medida que os professores forem se aposentando e não ocorram novas contratações.

Nos anos de 1990, já se percebia a necessidade de atualização da escola (MOKROSS, 1992), que não conseguiu acompanhar a explosão populacional da cidade – hoje com quase 600 mil habitantes –, diferentemente das décadas de 1960

⁸ Dados coletados em fevereiro de 2022, em: <http://eafritzalt.blogspot.com>.

e 1970, em que Joinville tinha menos de 130 mil habitantes (IBGE, 2022). No período, constatou-se que a escola tinha as mesmas características do passado das décadas anteriores. Mokross (1992, p. 8) afirma que eram “[...] visualizadas novas dimensões, fazendo com que a Escola atenda a população, levando as artes plásticas e o fazer artístico aos bairros da cidade”.

Na criação da escola (em 1968), havia planos futuros: “Com essa escola, estará Joinville servida pelos primeiros passos de um estabelecimento de cultura que, no futuro, poderá se transformar em escola superior” (JOINVILLE *apud* MOKROSS, 1992, p. 28). Em relação a esse objetivo, depois de praticamente 50 anos, observou-se somente a manutenção dos cursos profissionalizantes, apesar da redução do quadro de professores.

Os mo(vi)mentos de tensão vividos pela EAFA e pela EAI provam que elas existem em razão das lutas e resistências da comunidade, dos funcionários, alunos e artistas-professores. A análise das pesquisas anteriores sobre a escola sinalizam dificuldades financeiras e a falta de investimentos contínuos. Porém, mesmo com um cenário desfavorável em termos culturais e financeiros, a EAFA e a EAI funcionam há mais de meio século e são acessíveis a praticamente todas as pessoas, classes sociais e idades, em função da possibilidade de bolsas de estudo. Em 2018 e 2020, respectivamente, a EAFA e a Escolinha completaram 50 anos de existência, marcadas por uma história de valorização da arte e do ensino de arte em Joinville.

Considerações finais

O levantamento histórico realizado para este artigo sinaliza a trajetória de uma escola de artes para Joinville e região, que iniciou suas atividades na década de 1960, objetivando profissionalizar a mão de obra industrial e que permanece há 50 anos renovando-se metodológica e artisticamente. Apesar da falta de investimentos historicamente constatada e da explosão populacional na cidade, resiste no mesmo espaço físico, com pouca renovação de cursos e mantém a estrutura de exposições coletivas dos alunos, disseminando publicamente os resultados produzidos.

O diferencial dessa escola é o acesso cultural proporcionado à população de Joinville e região a aulas especializadas de artes visuais, com artistas-professores que, em sua grande maioria são atuantes na produção artística. A produção artística

infantil passou a ser estimulada e mais valorizada com a criação da EAI dentro da EAFA, adaptando-se a contínuas renovações metodológicas. Iniciou-se com a aplicação da livre expressão nos anos de 1970, seguindo o MEA nacional e, nas décadas seguintes, adotou a Abordagem Triangular. Hoje em dia, os conteúdos artísticos trabalhados são diretamente relacionados com o pensar e refletir sobre as conjunturas e os problemas da sociedade atual (GONÇALVES; RODRIGUES, 2019).

Além da formação artística para crianças, foram promovidos na Escolinha cursos de formação em arte-educação para os professores da rede municipal de ensino de Joinville. Esses cursos provavelmente foram os primeiros que estruturaram uma formação de conhecimento em artes no Brasil voltada a docentes, antecedendo a criação do ensino superior em artes.

Albertina foi inovadora ao obter êxito na implementação de uma escolinha de arte na cidade, conseguindo incorporar Joinville no MEA. Assim como a EAB, a Escolinha destaca-se como um espaço formativo de educação estética, por meio de suas diversas ações educativas e exposições. Portanto, conhecer e registrar a história da EAFA e da EAI é contribuir para o registro da história do ensino da arte local, imbricado em rede a movimentos estaduais e nacionais.

Além da Escolinha de Artes da EAFA, ainda está ativa, no estado de Santa Catarina, a escolinha de arte de Florianópolis. Os reflexos do MEA são sentidos em escolas e espaços públicos e privados não formais de arte. Algumas dessas instituições utilizam o método da livre expressão, que se tornou uma concepção modernista de ensino da arte com as construções teóricas das últimas décadas, alavancadas pela expansão das escolinhas de arte pelo país.

No Brasil, o movimento expandiu e fortaleceu o campo de conhecimento sobre arte na infância, pois se ramificou em estudos sobre diversas pedagogias de autores de vários lugares do mundo, que resultaram na abertura de escolas. Com isso, surgiram problematizações e concepções de educação e arte, alcançando, além da formação artística e estética, uma nova identificação e construção de modos de ser e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. L. A educação para a vida em uma era tecnológica: a revista *Ensino Industrial* no período 1962-1964. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 40, n. 4, p. 1-11, 5 out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v40i4.32561>. Acesso em: 11 jan. 2022.

A NOTÍCIA. 90 alunos irão estudar arte na escola ontem inaugurada. **A Notícia**, Joinville, 9 mar. 1968. Arquivo Histórico de Joinville.

A NOTÍCIA. Escolinha “Fritz Alt” atrai muitas crianças. **A Notícia**, Joinville, 16 abr. 1975. Arquivo Histórico de Joinville.

A NOTÍCIA. Ampla comemoração aos 15 anos da Escola de Artes Fritz Alt. **A Notícia**, Joinville, p. 10, 17 mar. 1983. Arquivo Histórico de Joinville.

BACARIN, L. M. B. P. **O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: história e política**. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

BARBOSA, A. M. (org.). **Memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COELHO, I. Univille: uma história escrita. In: COELHO, I.; SOSSAI, F. C. (org.). **Univille: 50 anos de ensino superior em Joinville e região (1965-2015)**. Joinville: Editora Univille, 2015. p. 27-61.

COSTA, F. C. B. A contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no ensino de arte em Santa Catarina. **Nupeart**, Florianópolis, v. 8, p. 10-27, 2010.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL (EAB). **Enciclopédia Itaú Cultural**, 11 fev. 2015. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao209047/escolinha-de-arte-do-brasil-eab>. Acesso em: 11 jan. 2022.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. **Projeto Político-Pedagógico Escola de Artes Fritz Alt**. Joinville: Fundação Cultural de Joinville, 2007. 53 p.

GONÇALVES, J. R.; RODRIGUES, M. L. C. Cultura de paz na escolinha de artes: diálogos necessários. **Nupeart**, Florianópolis, v. 21, p. 44-66, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2358092521212019045>. Acesso em: 11 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 1970/2010**. Brasil: IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=420910&search=santacatarina|joinville|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>. Acesso em: 11 jan. 2022.

JORNAL DE JOINVILLE. Inaugurada a Escola de Artes Aplicadas que representa um templo de cultuação ao belo. **Jornal de Joinville**, Joinville, capa, 9 mar. 1968a. Arquivo Histórico de Joinville.

JORNAL DE JOINVILLE. Joinville perde uma das grandes expressões do mundo artístico. **Jornal de Joinville**, Joinville, 16 mar. 1968b. Arquivo Histórico de Joinville.

JORNAL DE JOINVILLE. VI Coletiva de Artes Infantis. **Jornal de Joinville**, 6 out. 1976. Arquivo Histórico de Joinville.

LIMA, S. P. Escolinha de Arte do Brasil: movimentos e desdobramentos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Anpap, 2012. p. 454-466.

LOBO NETO, F. J. O Programa Intensivo de Preparação da Mão de Obra – PIPMO: contexto normativo. **Trabalho Necessário**, Niterói, v. 16, n. 30, p. 312-317, 21 nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.16i30.p10103>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MOKROSS, B. J. **A importância da Escola de Artes ‘Fritz Alt’ no contexto sócio-cultural joinvilense**. 62 f. Monografia (Especialização em A Prática Social da Arte: Educação e Sociedade) – Fundação Educacional de Joinville e Universidade de São Paulo, Joinville, 1992.

Ô CATARINA. Escolinha de arte. **Ô Catarina**, Florianópolis, n. 9, p. 6, abr. 1994.

SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE JOINVILLE. **Plano Municipal de Cultura de Joinville**. Joinville, 2012.

STEFFEN, H. **Escolinha de Artes Infantis de Joinville: 28 anos no cenário arte-educativo joinvilense**. 88 f. Monografia (Especialização O Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 1999.